

## **Duas contadoras de histórias: entrecruzamentos entre arte e educação especial<sup>1</sup>**

Daniela Medeiros<sup>2</sup>

Daniele Noal Gai<sup>3</sup>

### **Resumo**

O artigo aborda algumas fissuras entre o entrecruzamento Arte - Educação Especial embasando-se em uma experiência vivenciada em minha graduação em Educação Especial durante o estágio de déficit cognitivo. Tal estágio se deu em uma turma de classe especial de uma escola pública do município de Santa Maria/RS/Brasil, salientando que durante todo este período de experimentações pude contar com a participação e presença de uma amiga e colega de estágio (Pati) e também com as orientações de uma professora (Daniele). Para tanto, o trabalho que aqui apresento será explanado no plural, visto que os momentos geradores de tal escrita envolvem tantas outras pessoas além de mim, envolvem amigas, professoras, alunos e até mesmo personagens, compreendendo a proposta geradora do processo. A proposta deste estágio buscou as Artes como um novo pressuposto de investigação e prática na área da Educação Especial, assim como na constituição de sujeitos marcados pelo rótulo do déficit cognitivo. Partindo da literatura usou-se das Artes Visuais e Cênicas como aliadas no processo de busca pelo conhecimento, gerando momentos e sensações ainda desconhecidos por alguns alunos. Buscamos outras formas possíveis e até mesmo arriscadas de instigar e provocar esta busca, a busca pelo novo, pelo desconhecido, pelo conhecimento. Palavras – chave: Arte, Educação Especial, Intervenção cênico-pedagógica.

### **Abstract**

This article approaches some fissures between Arts – Special Education, based on an experience during my Special Education course, during the cognitive deficit training. The training was in a Special Class group at a public school in Santa Maria/RS/Brazil, emphasizing that during all experimental period, I counted on participation and presence of a friend and training partner (Pati) and teacher orientation (Daniele). This work will be described in plural, because the moments that helped to write it involved more people than me: friends, teachers, students and also characters, comprehending the generated process propose. The training propose searched the Arts as a new practical and investigation supposition in Special Education area, such as on the constitution of people labeled with the cognitive deficit. Beginning from Literature, it was make use of Scenic and Visual Arts as partners in the search of knowledge process, bringing new moments and sensations for some students. We searched other possible methods, even though risky, to instigate and provoke the search: the search for the new, for the unknown, for the knowledge.

Keywords: Arts, Special Education, Scenic and Pedagogical Intervention

---

<sup>1</sup> Este artigo traz o recorte de um trabalho de final de curso de graduação em Educação Especial que se propôs problematizar a Arte e o seu entrecruzamento com a Educação Especial. Esse trabalho, por sua vez, embasou-se na proposta de intervenção cênico-pedagógica desenvolvida em um semestre de estágio em classe especial para alunos com déficit cognitivo.

<sup>2</sup> Autora do trabalho. Educadora Especial.

<sup>3</sup> Orientadora. Professora Substituta do Departamento de Educação Especial – UFSM.

## **O caos?!**

Partindo do pressuposto de que um trabalho/artigo científico deve partir de “um problema”, iniciamos os escritos com um breve relato e esclarecimento daquilo que veio a nos possibilitar tornar tal experiência única e importante de ser mostrada/contada a outros educadores-atores, ou não. Talvez a denominação problema não seja a mais adequada para aquilo que nos possibilitou/desafiou uma nova forma de trabalho (será uma forma? Acredito que não!) e assim alcançar resultados surpreendentes junto a alunos de uma classe especial marcados pelo déficit cognitivo.

O fato é que tudo iniciou frente aquilo que Corazza (2006) definiria como caos. E tal autora afirma que diante do caos o que importa ao filósofo (assim como ao educador) não é nem vencer o caos, nem fugir dele. Mas, conviver com ele e dele extrair possibilidades e velocidades infinitas. E, de certa forma, foi o que fizemos: partimos de momentos complicados e difíceis frente à turma de estágio a fim de desafiarmos a nós mesmas, encontrarmos/inventarmos/criarmos recursos e materiais que viessem a trazer os alunos o mais próximo possível de nós. Nossa proposta de intervenção pedagógica objetivava envolvê-los, interessá-los e instigá-los na busca pelo conhecimento. Poderíamos dizer que buscávamos algo capaz de roubar ou chamar a atenção, até mesmo envolver e, ao mesmo tempo, mediar o processo ensino-aprendizagem. Como diria Kastrup (2004, p.3), “a noção de déficit indica um entendimento da atenção como marcada por um funcionamento binário: atenção-desatenção. Aqueles sujeitos que escapam ao ato de prestar atenção ficam alocados na rubrica do negativo, da falta, do déficit”.

Nossa proposta de intervenção pedagógica partia do livro “Ich Bin Ich”, de Mira Lobe, que, traduzido para o português, significa “Eu Sou Eu”. Usamo-nos, inicialmente, da Literatura, buscando na Arte uma outra maneira de levar aos alunos as infinitas possibilidades de explorar a história contada que, acreditamos, e, assim apostamos, estava diretamente relacionada à realidade de cada aluno. O livro trazia como tema central a questão das diferenças, do ser igual ou diferente dos outros e assim estar e sentir-se incluído e/ou excluído em um grupo social.

E de que forma trabalhar a literatura frente ao caos? De que forma roubar a atenção de nossos alunos e envolvê-los, a ponto de viajarmos juntos nos contos de fadas? Lembrando que o caos dava-se, especialmente, pela heterogeneidade da turma, a qual era uma classe especial constituída por sete alunos e distintos diagnósticos que vinham a marcá-los pelo déficit cognitivo. Kastrup (2002, p.1) afirma que “a literatura é ocasião para experiências de problematização, como o estranhamento e a surpresa, distintas da

experiência de reconhecimento e que são essenciais para o processo de aprendizagem inventiva”.

Frente às situações presenciadas ao longo das experimentações percebeu-se o quão complicado ainda se encontram os processos de inclusão e exclusão. Ratificando que o diferente também exclui o diferente. Lopes (2007, p.11) faz menção a estes termos quando afirma que “inclusão e exclusão estão articuladas dentro de uma mesma matriz epistemológica, política, cultural e ideológica”. A autora complementa a idéia afirmando que

estar incluído fisicamente no espaço da escola comum não é garantia de estar integrado nas relações que nela se estabelecem. Constantemente, o mal-estar pela não-aprendizagem ameaça a tranquilidade de estar habitando um espaço que 'homeopaticamente' o sujeito vai se convencendo de que não deveria estar ocupando. (LOPES, 2007, p.31)

Assim, após esclarecer brevemente o ambiente e as situações com as quais nos deparamos, usando-nos de termos importantes, como o caos e a inclusão na exclusão, que seriam então o “problema”, torna-se possível iniciar um relato/análise destes momentos vivenciados, explanando pontos importantes e norteadores do processo. Tal processo encontrou na Arte um caminho possível e plenamente enriquecedor na constituição destes alunos como sujeitos, no resgate de sua dignidade e valorização de suas individualidades e, além disso, levou a todos, de uma forma diferente e descontraída, o mundo das histórias infantis, tornando-a real a partir de um personagem que também parecia ser real.

## A vovó!



**Figura.01**

Ela – a vovó – foi a escolhida! Esse personagem criado, que era representado por mim, seria nosso aliado nessa busca pelo conhecimento, nessa aventura de levar a história “Eu Sou Eu” aos alunos, e com isso possibilitar infinitas formas de trabalho através deste viés – a Arte. Essa simpática vovó se responsabilizava por levar as Artes Cênicas até aquela turma, e no decorrer da história explorávamos os diferentes materiais capazes de aproximar dos alunos os animais que eram vistos na história, através das Artes Visuais.

Muito falante e disposta, vinda diretamente da cidade de “Anta Gorda, que é perto de Arvorezinha, que é uma árvore pequenininha que é diferente de uma árvore grande” – como a própria vovó explicaria - e com seu jeitinho todo carismático de ser, ela seria então a responsável por chamar a atenção dos alunos e contar-lhes a história.

Cheia de trejeitos e badulaques antigos e curiosos ela foi entrando na sala da classe especial com um “Oi!” muito empolgante e até assustador para quem não a conhecesse. Ela conseguiu, desde o primeiro dia, instigar a curiosidade de todos e provocar risos incontroláveis.

Com seus conselhos antigos, mas valiosos, e suas lembranças e recordações da cidade querida, Anta Gorda, ela ia, aos poucos, se apresentando e conhecendo a todos. Sem esquecermos-nos de seu amigo e sempre companheiro, o “Cavalo Napoleão”, um cavalo-de-pau que conseguiu primeiro a desconfiança das crianças e depois o encantamento e a viagem pelo mundo do imaginário, transformando-se realmente em um cavalo de verdade que precisava de cuidados de saúde, carinho e atenção.

E foi essa velha senhora a responsável pela criação de uma nova linguagem, uma outra linguagem, uma linguagem diferente, que nos possibilitou trabalhar com os alunos de uma maneira não muito tradicional. Seria uma intervenção pedagógico-especial ou uma intervenção cênico-pedagógica? Talvez. Larrosa (2001, p. 229) diria que a Vovó...

[...] criou a possibilidade para quem quer que seja de sentir coisas que até esse momento não se podiam sentir, produziu novos sentidos, forjou uma certa pedagogia da sensibilidade, descobriu e povoou uma região desconhecida do espaço global, que em sua honra chamamos de Londres, mas que é uma Londres de todos os homens, uma Londres de qualquer um, uma Londres de ninguém, uma Londres qualquer, na qual cabem todas as Londres que foram e serão.

Com a ajuda desta querida Vovó conseguimos ver todos os nossos alunos da mesma forma, sem nos preocuparmos tanto com a aprendizagem formal, com as exigências da alfabetização, mas com a formação de sujeitos únicos e ao mesmo tempo múltiplos. Para tanto possibilitamos a interação com a Vovó, o jogo com o personagem, convivendo com características tão peculiares, aceitando e gostando de suas esquisitas diferenças – talvez este tenha sido o primeiro passo para que eles (alunos) percebessem que não somos iguais, mas que a exclusão era muito presente naquela turma, visto as muitas diferenças entre todos e a não-aceitação e o desconforto com as limitações uns dos outros. De certa forma Lopes (2007, p.83) auxilia-nos nessa compreensão quando afirma que: “é a forma com que os outros me olham, me significam e como me enredo nas tramas sociais que me faz ser diferente”.

De forma a reafirmar o papel desenvolvido por tal personagem junto aquela classe especial uso-me também das impressões daquelas pessoas que estiveram ali, ao meu lado, vivenciando e experimentando comigo, já que este é um trabalho coletivo, de grupo, onde dependemos da “co-labor-ação” de todos. Recorto inicialmente algumas linhas dos escritos da Pati, minha colega de estágio, parceira nos planejamentos das intervenções e amiga querida, já que ela consegue definir um pouco mais o perfil de um personagem que parecia tão real.

*[...] Penso que a vovó pode ser o que muitas vezes nós queremos ser dentro da sala, um ser banal, que leva uma vida tranqüila e consegue estabelecer um diálogo de igualdade com os alunos, que não precisa de máscaras/disfarces e com a sua simplicidade consegue passar o conhecimento aos alunos, como numa conversa com uma pessoa qualquer, uma vovó, que não precisa subir no “degrau” do professor para transmitir conhecimento aos alunos e ser respeitado. A vovó rompeu as relações de poder que muitas vezes revestem o processo educativo e por isso se tornou tão eficiente.*

Complemento tais considerações com as palavras da professora regente da classe especial, a Mônica – aquela que teve sua turma “tomada” por duas estagiárias cheias de idéias na cabeça, dispostas a criar e possibilitar momentos importantes e ainda desconhecidos por muitos daqueles alunos.

*- A vovó foi algo de mágico, que trouxe aquela identificação com o amor familiar, a fantasia das histórias, tão importantes para o crescimento das crianças. Aliás, a representação foi tão boa que a vovó é uma realidade para eles. Foi um sucesso e um trabalho plenamente válido.*

E, faço o fechamento de tais impressões com um breve recorte daquilo que recebi da Dani, minha amiga e (des) orientadora do estágio.

*Enfatizem, repitam, reforcem, façam duas vezes, e, principalmente, sejam claras nas propostas e nas explicações de vocês. Mas, mal sabia Eu que a Vovó desconstruiria todas essas impressões, já que seu discurso era metafórico, tautológico, irreverente e criativo ao extremo. E era uma vez uma experiente estagiária Vovó...*

### **E, com as visitas da vovó...**

Após ter definido o problema inicial e o ambiente e sujeitos envolvidos em tal experimentação, passamos a explicar momentos/trechos do dia-a-dia da turma e a atmosfera que se instalava na turma a partir das visitas da Vovó e a “contação da história”, que se dava gradativamente.

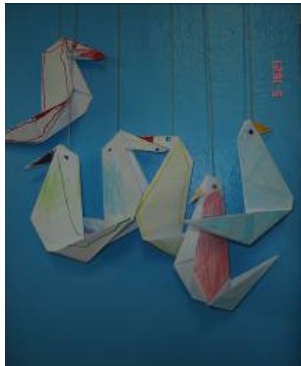
A Vovó Julita foi batendo na porta da sala acompanhada de seu fiel companheiro Napoleão. E, ao primeiro abrir de portas, a reação de alguns foi instantânea... Risos, surpresas, curiosidade, encantamento, “apaixonamento”, um turbilhão de diferentes sensações que iam recebendo-a da melhor forma que se poderia ser recebida em um lugar ainda estranho e desconhecido.

Ela estava ali, absolutamente encantada com tudo e com todos... E na busca por um “consertador de cavalos” acabou por visitar a turma frequentemente, retribuindo seus favores com a “contação de uma história” – “Eu Sou Eu” – ocorrida em sua cidade querida, Anta Gorda. Assim, naquele primeiro dia, ela iniciou a história...

*“Lá em Anta Gorda, a cidade onde eu moro sabe, tem um jardim cheinho de flor, lindo mesmo, com árvore, passarinho e borboleta. Aí um dia, lá nesse jardim mesmo, apareceu um bichinho todo colorido que tava passeando por lá, caminhava no meio das folhagens e das flores, olhava as borboletas, os passarinhos. Ele estava muuito feliz mesmo, aí, de repente aparece um sapo... E o sapo olhou pra ele e perguntou: - Quem é você?”*

*O bichinho pára e responde: - Eu não sei.  
O sapo diz: - Como? Você é um bichinho sem nome? Quem não sabe o seu nome, quem esquece quem é, é bobo!  
BOBO!...”*

Mas antes que ela pudesse continuar.... Triririririm, tririririirm... Toca seu celular. É Chico, seu marido. Naquele instante a Vovó teria que ir embora, deixando a continuação da história para a próxima visita. Porém, daquele início da história, que nos foi apresentado no primeiro encontro, conseguimos explorar alguns conceitos e conteúdos importantes com a turma. Confeccionamos passarinhos e borboletas de dobraduras, apresentando e organizando-os na classe dos animais que voam. Assim explorávamos além das características e hábitos dos animais da história, a classificação, um conceito desconhecido para alguns e ainda confuso para outros.



**Figura.02**



**Figura.03**

Além dessa classe de animais, apresentamos à turma o sapo, constituindo a classe dos animais que saltam. Eles foram feitos em material de E.V.A, onde os alunos puderam ajudar a recortar e montar seu sapo, além de colorir da maneira que achasse melhor o rosto do animal. Depois expusemos todos em um cartaz organizando-os na sua referida classe.



**Figura.04**

Na primeira visita da Vovó, ela também trouxe em sua mala uma grande almofada, que originaria então o corpo do bichinho colorido, do qual ainda desconhecíamos muitas coisas. E, com a participação de todos, colorimos o corpo do bicho para que, na próxima visita, a Vovó já o encontrasse totalmente diferente, nos apresentando mais alguma dica que ajudasse a descobrir como/quem ele era.



**Figura.05**

Assim, vale salientar que para cada sujeito a Vovó representou algo diferente e uma forma muito peculiar de transformar um jogo teatral em aprendizado. Salvador (1994, p.101) vem ao encontro desse paradigma quando afirma: "A importância da interação como elemento desencadeante da construção do conhecimento não se limita à aprendizagem escolar como alcança também alguns processos de mudança tipicamente evolutivos".

Alguns dias depois, ela retorna à escola, podendo, assim, continuar a história iniciada...

*"...e lá naquele jardim cheio de flor, bonito mesmo... o bichinho agora não queria mais ficar, porque ele achava que alguém tinha que saber quem ele era. Até que de repente ele encontra uma égua:*

*- Bom dia, mamãe égua!*

*-Bom dia, potrinho!*

*-Será que vocês são dois animais parecidos comigo?*

*Viro-me pra cá, viro-me pra lá, como podem me chamar?*

*- Pequeno, diz a mamãe égua, - teus cabelos voam ao vento como os meus. Mas, as tuas pernas são muito curtinhas e as orelhas muito compridas. Não, você é outro animal.*

*Então a mamãe égua empurra o pequeno com seu focinho macio: - Você nunca será um cavalo!*

*Parece um coelho-gato-cachorro, um bichinho colorido, tem uma carinha engraçada, mas um cavalo você não é!*

*E a vaca diz: - Muuuu! Que pequeno é você?*

*O cabrito e o carneiro, dizem: - Você não é um cavalo!"*



Como na vez anterior, ela é interrompida por seu marido Chico e não consegue continuar, mas, ainda neste dia, observamos que conceitos importantes eram trabalhados a partir de tal personagem. Um dos alunos mostrava-se indignado com o tamanho do queixo e dos óculos daquela Vovó e ao mesmo tempo encantava-se com suas peripécias e trejeitos tão peculiares. A partir das situações criadas em torno disso percebeu-se que durante as atividades pedagógicas mais tradicionais os alunos não respondiam a questões referentes à descrição (de objetos, situações, pessoas, imagens, etc.), deslumbravam-se e perdiam-se em meio a tantas que seus olhos viam. Demonstravam seus conhecimentos em um momento de pura interação e livre de exigência, embora repleto de mediação.

Com isso reafirma-se a concepção de que cada um percebeu a Vovó de uma forma, lhe “usou” da maneira que mais viesse a lhe convir. Uns valorizaram a literatura, a história contada e os encantamentos em torno deste mundo de fantasias. Outros, por sua vez, encontraram nesta velha senhora uma diferente e eficiente forma de comunicar-se com o mundo e as pessoas e, assim, se fazer compreender. Outros alunos ainda encontraram nela o carinho e afago de uma vovó sempre disposta a dar um colo, fazer um cafuné e até dar seus antigos e valiosos conselhos. E, provavelmente/certamente, alguns não de ter percebido a Vovó de outras formas, ainda não perceptíveis aos olhos daqueles que talvez se julguem “normais”, porém, incapazes de perceber em pequenos movimentos grandes e diferentes respostas. Deleuze *apud* Kastrup (2002, p.3) considerou que

os textos literários possuem notadamente uma potência de problematização, e a literatura em particular, produz experiências que transpõem os limites das formas subjetivas constituídas, acionando blocos de sensações, afectos e perceptos pre-subjetivos e impessoais. A literatura produz sensações que atravessam o vivido por um sujeito, mas que se encontram num plano distinto. Elas emergem da matéria sensível da linguagem, das palavras, da sintaxe, mas tocam o leitor como entidades imateriais, portando uma idéia, uma singularidade, um afecto, uma diferença. Podem não acionar diretamente a lembrança ou a imaginação, mas apenas capturar o leitor na experiência do presente vivo, em sua plena afirmação. E enquanto ultrapassa o plano do vivido que a literatura revela sua potência de problematização.

Partindo desse turbilhão de diferentes reações e respostas aos estímulos, torna-se válido destacar a importância de ser educadora e atriz e saber desenvolver cada papel da melhor maneira im-possível. Ser educadora especial e atriz carregada de distintas e indispensáveis emoções. Spritzer (2003, p.18) afirma que “o ator de teatro lida sempre consigo mesmo como matéria de criação. É seu corpo que engaja na tarefa da atuação. É

seu corpo que sua, que se transforma. Um corpo que é carne mas também sangue e emoção”.

Quando nos referimos às histórias (especialmente essa que a Vovó se propôs a contar) e às suas contribuições para o trabalho intelectual da criança, lembramo-nos de Vigotski (2001, p. 327):

Ao incorporar a criança num mundo de pernas para o ar, nós não só não prejudicamos o seu trabalho intelectual como, ao contrário, contribuimos para ele, uma vez que, na própria criança existe a aspiração a criar para si esse mundo às avessas, para assim se afirmar com mais segurança nas leis que regem o mundo real. Esses pequenos absurdos seriam perigosos para a criança se bloqueassem as reais e autênticas interações de idéias e objetos. Mas, além de não as bloquearem ainda as promovem, ressaltam, destacam, reforçam na criança a sensação de realidade.

Tais questões foram visualizadas nas produções dos alunos, que embora marcados pelo diagnóstico de déficit cognitivo, incorporaram a história, conversaram sobre ela, vivenciaram tudo aquilo que a Vovó contou, assim como se sentiam envolvidos, desafiados e muito curiosos com aquele universo do conto. Com o auxílio da Vovó, muito experiente por sinal, passamos a perceber os momentos de “contação de histórias” como momentos de desencontro com os aspectos formais comumente dinamizados nas escolas. Assim, passamos a considerar os espaços de aproximação metafórica das artes, especialmente, da literatura e das cênicas, como um discurso possível na interligação da realidade da imaginação, da realidade do mundo, com a realidade/história de cada um dos alunos.

Em uma das visitas da Vovó ela nos contou que o bichinho colorido encontrara-se com a mamãe égua e o potrinho, exploramos outros materiais, como a argila, por exemplo, convidando os alunos a fazerem cavalos, éguas e potrinhos, organizando-os na classe dos animais de quatro patas.



**Figura. 06**



**Figura. 07**

Entendemos que a partir de tal proposta pudemos explorar o “toque” e a experiência com um material ainda desconhecido por alguns, pudemos com isso perceber as diferentes sensações e percepções manifestadas por cada um dos nossos alunos. Experienciações que, acreditamos, só foram possíveis a partir de uma proposta embasada nas artes.

A cada novo trecho da história que era contado, dávamos seqüência a constituição do bichinho colorido. Colocamos os cabelos de cavalo e as orelhas de salsicha no corpo do bicho que já havia sido pintado pela turma. Assim, com a colaboração de todos, explorávamos, além de outros materiais e recursos no campo das artes, outro conceito importante, a descrição, que se deu através da conversação, do linguajar de cada um e dentro das possibilidades de cada aluno.

Alguns dias depois... Ela retornou! A Vovó estava lá, novamente, com seu “Oi!” muito empolgante e cheia de disposição, a fim de continuar a história iniciada, já que os alunos ainda não haviam consertado o cavalo Napoleão, conforme havia sido combinado...

*“Na água plitch-platch, um barquinho sai a passear.  
O pequeno bichinho colorido rema até os peixes.  
O pequeno pula na água e diz: - Bom dia, queridos peixes. Olhem para mim! Será que podem me ajudar?  
Porque eu sou um ninguém. Nado pra cá e pra lá, nado sem parar, quero saber que bichinho eu sou.  
Todos os peixinhos, grandes e pequenos, chegam rapidamente, batem alegres as nadadeiras, olham com espanto e afirmam: - Sentimos muito bichinho colorido, teus olhos são parecidos com os nossos, e você nada bem. Mas um peixe você não é!  
Na água plitch-platch, o barquinho segue viagem; para o pequeno descobrir que bichinho ele é. De repente avista muitas ilhas, pássaros brancos estão por lá.  
“Os pássaros”, pensa o pequeno, “estão aqui para me dizer quem eu sou.”  
O pequeno rema o quanto pode remar. Então...”*

E, ao ser interrompida por um telefonema de Chico, a Vovó Julita não conseguiu continuar a história. Mas, a pequena parte contada foi suficiente para instigar a curiosidade de todos na confecção de peixes de dobradura. Alguns fizeram peixes muito grandes (tubarões), outros, por sua vez, fizeram peixes pequenos. A partir disso, organizamos um mural onde desenhamos um rio e separamos os peixes conforme o tamanho – explorávamos aqui o conceito de classificação. Também exploramos esse dia de aula para colocar no corpo do bichinho colorido as patas, que não eram nadadeiras, mas eram muito curtas. Os olhos de peixe foram confeccionados e colocados no bichinho nesse mesmo dia.



**Figura.08**

E, em um outro dia...

*“Então o barquinho quase vira uma cambalhota. Bate numa ilha que se mexe.*

*Não é uma ilha não! É um hipopótamo que aparece de dentro da água e diz: - Que pequeno colorido é você?*

*- Ah, eu não sei quem eu sou, ando pra cá e ando pra lá, quero saber quem eu sou.*

*O hipopótamo olha bem para o pequeno e diz: - Quem você é eu não sei. Tuas pernas são curtinhas, tão bonitas como as minhas. Mas, o resto, amigo colorido, você não tem nada que se pareça comigo.*

*Crina de cavalo, orelhas de salsichinha, não tem nada a ver comigo!*

*Quando o bichinho quer seguir a diante o hipopótamo exclama: - Pequeno colorido, você é cego? Olha, olha! Um bichinho com um rabo tão bonito como o seu está sentado na árvore. Com certeza ele lhe dirá quem você é.”*

A fim de propor novas formas de trabalho em torno das Artes Visuais, exploramos o hipopótamo a partir de massinhas de modelar, que, com suas cores vivas e bonitas, encantaram a todos, instigando, assim, a confecção de tal animal. Vale lembrar que antes de tal proposta apresentamos, através de gravuras de revistas, a imagem do animal e conversamos com a turma sobre o mesmo, nos certificando, assim, de que todos saberiam como ele é. Depois de prontos, os hipopótamos foram organizados na classe dos animais de quatro patas.

Dias mais tarde...

*“O pequeno agradece e vai até o pássaro: - Querido papagaio escute-me: será que eu não sou como você? Vôo pra cá, vôo pra lá, Vôo pra lá, vôo pra cá, quero saber quem eu sou.*

*Surpreso o papagaio abre e fecha os olhos e diz: - Seu bobo, você tem um rabo comprido, colorido como o meu, mas com certeza você não é um papagaio. Vá embora!”*

Assim, explorando ainda mais o imaginário de cada criança, e pensando em um trabalho de parceria entre Artes Visuais e Artes Cênicas, confeccionamos os papagaios com balão. Cada um fez o rosto do seu, atando um barbante para que os bichinhos pudessem voar pela sala. Alguns com papagaios que voavam alto, perdiam-se pela sala entre os colegas, e outros, no entanto, com seus papagaios que ficavam ali, voando baixinho, com medo de se bater nos outros. Percebe-se aqui, que este realmente foi um momento muito importante – exploramos as Artes Visuais, a partir da confecção do papagaio; as Artes Cênicas, a partir dos jogos dramáticos e/ou teatrais que aconteceram. Percebemos o enfrentamento de características importantes em cada criança, como a timidez, a desenvoltura, os medos e os receios, enfim, as relações que as cercam dentro do ambiente escolar. Tal animal foi colocado junto aos pássaros e borboletas, na classe dos animais que voam. E, ainda neste dia, colocamos o rabo de papagaio no corpo do bicho.

Dias mais tarde, ao retornar à escola... É grande a surpresa da Vovó ao saber que Napoleão estava curado – completamente curado! E ele até dava umas voltinhas pela sala com os alunos sob sua “garupa”. Antes de levá-lo de volta à Anta Gorda, a Vovó continuou a história...

*“Quando a noite cai e a lua aparece, o pequeno colorido adormece. Como será o dia de amanhã?*

*Pela cidade, pelas ruas, o pequeno colorido sai a procurar outros animais.*

*Na frente da padaria encontra muitos cães de diferentes raças, grandes, pequenos, peludos, e outros de pêlo curto. Pernas compridas e curtas, orelhas grandes e pequenas.*

*- Bom dia cães! Escutem: Será que eu sou parecido com vocês?*

*Porque eu sou, não sei quem, procuro aqui, procuro lá, procuro lá e procuro aqui.*

*Quero saber quem eu sou.*

*Todos os cachorros, grandes e pequenos latem alto e questionam:*

*- O que você pensa?*

*O salsicha explica: - Você tem orelhas como as minhas e o seu rabinho abana alegremente, mas as suas pernas são diferentes.*

*Você é muito colorido, e não parece comigo. Com certeza, um cachorro você não é.*

*Pela cidade, pelas ruas, o bichinho colorido segue a caminhar.*

*Ele pensa: - será que eu não existo?*

*Todos dizem que eu não sou ninguém, ou qualquer um, não sou um peixe, nem um potrinho, não sou um hipopótamo, nem um cachorrinho. Nem ao menos uma pulguinha! Ô vida!”*

Assim, confeccionamos com a turma cachorros de dobradura, explicando-lhes que os mesmos também compunham a classe dos animais de quatro patas.



**Figura.09**

Partindo das classificações dos animais da história contada pela Vovó, buscávamos outras formas de explorar tais conceitos. Uma dessas formas foi a confecção de uma pequena coleção de livros referente a uma classe de animal, sendo que também confeccionamos um jogo da memória dos animais vistos na história. Mas, tal história ainda não havia terminado... E a dúvida permanecia no ar... Quem será que era aquele bichinho colorido?

### **No último dia...**

A fim de extrapolarmos com todo senso de lógica e as possibilidades surgidas de uma realidade criada/inventada em torno de um personagem que realmente parecia ser de verdade, a Vovó surgiu na sala da classe especial acompanhada de sua prima. E essa prima, por ser cega, causou nos alunos, inicialmente, reações de estranhamento, posteriormente... Talvez ou provavelmente, eles ainda não haviam conhecido ninguém que apresentasse esse outro rótulo, diferente do seu, mas, nem por isso, com menos especificidades.



**Figura. 10**

Partindo, assim, dessa outra percepção, através da cegueira, e dessa nova experimentação, a conversação e o toque, e encadeando com isso outras prováveis, diferentes e ainda desconhecidas formas de linguagem, Barros (2003, p.16) afirma que:

[...] o discurso, forma histórica e falante, faz-se ouvir através de suas inúmeras vozes, dirige-se a um interlocutor e impõe uma atitude dialógica, a fim de que os vários sentidos, distribuídos entre as vozes, possam aflorar. Nessa perspectiva, o discurso, e seu concerto de incessante produção de efeitos de sentido, não é jamais um objeto pacífico e passível de submissão ao monologismo de uma teoria acabada.

Frente a essa novidade e a despedida que então se aproximara, a tal curiosidade pelo desfecho da história ficava agora em segundo plano. Ressaltamos novamente as infinitas e improváveis situações de aprendizagem que surgiam em torno do contexto/proposta de intervenção cênico-pedagógica. Situações que permitiam a cada um explorá-la de uma forma diferente. Situações criadas do improvável, tão diferentes daquelas estabelecidas por uma grade curricular ou planos pedagógicos retos/formais/fechados, talvez adaptáveis. Mas, como não é o caso, e tal pesquisa extrapola esta insensatez em torno dos processos pedagógicos, deixemos tais planos para aqueles que se conformam e satisfazem com as adaptações e acreditam que elas conseguirão dar conta de “adaptar” sujeitos a uma realidade que não considera suas diferenças. Stanislavski (2005, p.53 e p.17) diria o seguinte a tais profissionais:

Espero que, entre vocês, os que se sentirem inclinados a trilhar esse perigoso caminho do menor esforço, sejam advertidos a tempo. E a nós, aquelas que se julgaram capazes de arriscar, dir-nos-ia assim: Os artistas têm de aprender a pensar e sentir por si mesmos e a descobrir novas formas. Nunca devem contentar-se com o que um outro já fez.

Assim, o último dia das visitas da vovó foi repleto de acontecimentos e sensações... Conseguir com que todos prestassem atenção ao final da história realmente foi uma batalha... Eles estavam tão curiosos frente àquela outra Vovó cega e a essa diferente forma de mostrar-lhe as coisas, o mundo... Mostravam-lhe através do toque os trabalhos que haviam feito nos murais e nos cadernos e encantavam-se com sua forma de perceber as riquezas e detalhes e assim admirar de uma forma um pouco diferente cada trabalho que lhe era mostrado.

Além disso, também fizeram questão de lhe explicar como se deu todo o processo de concerto do Cavalo Napoleão... Trouxeram o creme hidratante que haviam usado para massageá-lo e usando do toque e do olfato conseguiram fazê-la perceber e compreender todo o processo.

Depois destes momentos iniciais com a prima da Vovó todos se organizaram a fim de escutar o desfecho da história...

*“O pequeno bichinho colorido, que não sabia mais o que fazer, está quase chorando. Quando então... Ele pára no meio da caminhada, no meio da rua e diz bem alto: - É claro que eu existo: EU SOU EU!”*  
*Pelo parque EU-SOU-EU alegre sai a passear e encontra muitas bolhas de sabão, claras, coloridas, grandes, pequenas, e brilhosas. O pequeno EU-SOU-EU vai até a maior delas, vê a sua imagem refletida e exclama: - Este sou eu!*  
*A bolha de sabão se desfaz e o pequeno pensa: “Não faz mal, era apenas a minha imagem, eu continuo aqui”.*  
*No jardim florido EU-SOU-EU, caminha entre folhagens e flores, admira as borboletas, alegre-se com o cantar dos pássaros, porque ele sabe quem ele é.*  
*Caminha até os animais e diz: - Eu sei quem eu sou. Vocês sabem quem eu sou? EU-SOU-EU!*  
*Todos os animais exclamam alegres: - Viva! Carneiro, cabra, cavalo e vaca, todos dizem: - Você é você!*  
*O sapo coacha e diz: - Você é você, e quem não sabe disso é bobo.*  
*-BOBO!”*

Com tanto “tumulto produtivo” naquele último dia de “contação de histórias”, ficamos na incerteza se realmente eles compreenderam “a moral da história”, mas a certeza de que múltiplas experiências foram possíveis. Alguns alunos conseguiram, como que em um processo de “osmose”, compreender e demonstrar conceitos importantíssimos que até então não tinham sido compreendidos, como, por exemplo, a descrição, a classificação, a quantificação, a noção espaço-temporal, entre tantos outros.



Além destes conceitos, tiveram em cada aula, em cada encontro, um turbilhão de propostas que exigiam-lhes criatividade e imaginação, ao mesmo tempo que defrontavam-se com sua própria lógica ao deparar-se com criaturas que pareciam ter saído de um desenho animado e ao mesmo tempo demonstravam ser tão reais. Também tiveram aqueles alunos que naquele momento a compreensão de alguns conceitos não era a aprendizagem mais desejada ou mesmo necessária. Acreditamos que encontramos alunos que necessitavam, inicialmente, se (re) descobrir, conhecer e explorar as suas potencialidades e, assim, aprender uma forma de comunicar-se com o mundo, com as pessoas ao seu redor. E, essa velha senhora com seu jeito meio caipira, meio “trocado”, meio engraçado, meio diferente de falar, conseguiu (e isso é ela própria quem diz) compreender esses sujeitos e enxergar uma imensa vontade de viver, de existir, mesmo com seus jeitos meio atrapalhados, meio “trocados”, meio diferentes e completamente “desejantes”.

A despedida foi triste, pelo menos para esta velha senhora que agora aprendera a amar e se encantar com cada um de seus novos amigos. A Vovó despediu-se cheia de saudade, na esperança de um dia retornar a Santa Maria, retornar àquela classe que a recebera de forma tão querida. Saiu na certeza de que sua maior contribuição não foi somente a história da saga do bichinho colorido, mas, sim, as inexplicáveis, as inéditas e as singulares experiências que provocou em um ambiente que parecia estar assim: Fechado! Marcado e carregado de rótulos! E a partir de tais trocas: Abriu-se! Desprendeu-se de amarras, regras e rótulos! Possibilitando aos alunos, as professoras, aos participantes das aulas, momentos únicos, ou como melhor explica Barros (2003, p.17): “[...] transitar do artístico ao cotidiano oferecendo elementos para diferentes disciplinas e diferentes campos do saber”.

## Referências

BARROS. Diana Luz Pessoa de, FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens – Filosofia da diferença e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KASTRUP, Virginia. **A aprendizagem da atenção na cognição inventiva**. Revista Psicologia e Sociedade, 2004, vol.16, nº 3. Disponível em <http://www.psicologia.ufrj.br/pospsi/aprendizagem.pdf>. Acesso em 12/02/2009.

KASTRUP, Virgínia. **Cartografias Literárias**. Revista do Departamento de Psicologia da UFF, 2002. Disponível em <http://www.psicologia.ufrj.br/pospsi/cartografias.pdf>. Acesso em 12/02/2009.

LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOPES, M. C., DAL'IGNA, M. C. **In/ Exclusão nas tramas da escola**. Canoas: Ed. ULBRA, 2007.

SALVADOR, César Coll. **Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SPRITZER, Mirna. **A formação do ator – um diálogo de ações**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

STANISLAVSKI, Constantin. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.